

Aprender a falar a língua de Angola

5 de maio de 2026

Tem os verbos desta língua geralmente três pretéritos perfeitos; o 1. significa há pouco tempo; o 2 que há mais tempo p 3 que há muito tempo. Porem tem-se por experiencia que algũas usãõ hum por outro; ...

Pedro Dias, Arte de falar a lingua de Angola, Lisboa, Oficina de Miguel Deslandes, 1617

E no princípio era a língua nas suas viagens de ida e volta pelo Atlântico a alargar os verbos para conter o geral o particular e o à volta. E uma antiga oração milagreira e dita e escrita em língua geral para ser entendida por todos e a arte das línguas para se ligar todas as redes que era, muitas nos caminhos todos que desaguavam no mar. E a língua se fez luz e arte e ocupou geografias afastadas que o trabalho escravo cimentou. Era o princípio e a língua e o falar de música em dó aberto, os grandes milagres da virgem do Rosário e os ex-votos desenhados na caligrafia dos mapas de marear. As palavras ditas e esquecidas por Simon d’Aguardo, Lope da Vega ou Gil Vicente e Joana Soror e as sempre de prata composições que elabora a partir de palavras ouvidas aos escravos. Línguas de Angola nas suas intensas variações a invadir o português e a obrigar as vogais a replicar-se como cópias de vogais tónicas surgidas do exagero dos gramáticos. Foi nesse tempo que os verbos se tornaram duplos (“orientou fazer”) e transitivos a apagar as sombras da língua a tornar silêncios em gritos a olhar de lado palatais e fricativas, a substantivar pronomes e a mudar (oh a mudar) o lugar das preposições.

Depois o mar, kalunga e mar nem sempre sinónimos, quase sempre coincidentes e as notícias de uma língua universal com a nomeação do detalhe e do novo e sempre livre para os detalhes da vida. A língua pode ser um fogo que se acende para inaugurar o ponto onde todas as línguas naturais se fundem ferro e sopro tudo junto na lava macia do conto, da estória e do romance. Logo na 1ª Canção do mar começa a deixar na praia as marcas de uma apropriação e registo a modificar a língua de Angola procurando os sinais mais antigos que esta possuía antes dos contactos e da mistura. O homem e o mar, “Águas do mar” e o sangue da buganvília, planta de que ninguém conhece os mais profundos segredos. Histórias de meninos e bolas de meia, diários íntimos e amores impossíveis, lâmpada de Aladino acesa no ventre da língua, descoberto o ABC há que lidar com as consoantes duras e transformá-las por adição, troca, prolongamento. A arte de falar a língua de Angola faz-se de aprendizados e práticas e quem “Semeia vogais, colhe tempestades”. Que começou como a chuva de Luanda a ligar rastilhos uns aos outros: Canções para Luanda, A Cidade e a Infância e A Vida Verdadeira de Domingos Xavier, construções de amplos recursos das formas simples às mais complexas estruturas da narrativa. Depois de Babel que é o que acontece depois da língua quando a perfeição se impõe dentro de um universo partilhado e as línguas devolvem frases para contorcer a gramática, mas nunca provocar a erosão dos sentidos. Esses estavam na pele e no coração de todos os que o liam e percebiam a língua natural a fazer-se nascer angolana e literária. Nós os do Makulusu é da dureza do sílex e afeiçãoado em todos os bordos. Perfeita dicção, oratória completa, moral a haver e a morte a separar dois mundos ligados pelo pacto sagrado da união das línguas: as

existentes e as inventadas No Antigamente na Vida por Mais- Velho, Paizinho, Maninho e Kibiaka. Está conquistado o Nosso Museke e as areias redistribuídas que o conformam. Actos de fala em todos os registos são convocados para contar em Lourentinho, Dona Antónia de Sousa Neto e eu a história angolana de cadornega ao funge de sábado. E volta o Brasil e a sua escrita, “os seus Kimbundus sem kapas” e a rememoração de locais onde a arte da língua de Angola foi começada a abrir portas no português para ordenar as frases segundo lógicas de gramáticas alheias, sopros de vozes misoso antigos. Aqui somos convocados (coisa de mais velho em boca de Miúdo) a assistir e a gostar da história da literatura angolana e seus sábios vates de épocas anteriores que são também as nossas: «Conhece o Assis?». Luanda, a cidade, cabe toda inteira nestes livros, escritos em pauta para que todos possamos ler:

Angolanamente.

Português, Meu irmão, é difícil mas não custa (Luandino Vieira)

ou em Brasileiro:

O português são dois/

O outro o mistério (Carlos Drummond de Andrade)

Sempre em busca de uma língua fora da gramática que permitisse uma comunidade de leitura sem alunos e professores, mas apenas aprendizes da teoria dos implicados que autorizasse a troca de segredos, saberes e liberdade.

Não temos livro, manual, gramática ou dicionário certos de que as paisagens da história e da memória mudam ao longo dos tempos, dos antigos que as fixam e das palavras que escolhem para as deixar como legado para os mais novos e o futuro. Lentos mapas da memória estão sempre a ser corrigidos (um rio que muda de curso, uma caixa de falha, que, de repente, divide um continente, resíduos encapsulados de línguas que se perderam para deixar apenas conceitos nos vasos ududu dos antepassados a que todos veneram, mas poucos conhecem. Caos e complexidade são amaciados pela palavra que floresce todos os dias. A palavra nasceu para aquietar os antepassados e dar sentido às artes de criar o barro e o transformar nos potes da vida porque era preciso nomear, aclarar as sombras, distinguir o manto branco dos antepassados daqueles que os mais velhos traçavam sobre os ombros para se proteger do frio e da chuva. As paisagens da história e da memória começaram assim a ser afeiçoadas e muito se deve ao jogo da linguagem para explicar factos como a separação da terra e do céu, da lua e das estrelas dos deuses e dos homens. Vivemos um tempo espesso e ameaçador.

Oxalá nos possamos salvar pela palavra.

Ana Paula Tavares